

FLOPEN propõe futuro sustentado para a floresta

Penela Campanha “Que floresta quer deixar aos seus filhos” começou ontem e propõe alternativas ao eucalipto

D.R.



Associação propõe aos associados alternativas, através da doação de espécies

Manuela Ventura

«Alertar consciências» é o primeiro objectivo da campanha “Que floresta quer deixar aos seus filhos” que a FLOPEN – Associação de Produtores e Proprietários Florestais, com sede no Espinhal, Penela, lançou ontem. Em causa está, sublinha João Ribeiro, director executivo da associação, não uma “declaração de guerra” ao eucalipto, mas sim à tendência para o aumento da plantação desta espécie. «Não temos nada contra o eucalipto, temos sim contra o abuso e a tendência que existe para o aumento do espaço de plantação», afirma

O “timing” para o arranque da campanha tem em conta os incêndios e a necessidade de reflorestação. Todavia, João Ribeiro não esconde que há outro pormenor a ter em linha de conta e que se prende com a entrada em vigor do novo Regime de Arborização e Rearborização, aprovado pelo Parlamento em 19 de Julho e que entra em vigor em Outubro. Um regime que, no entender do director da FLOPEN, vem «simplificar a plantação de eucaliptos e de outras espécies de rápido crescimento», uma vez que, até agora, eram necessárias várias autorizações, o que

deixa de acontecer, bastando uma notificação aos Serviços Florestais. «Desde que não colida com o PDM (Plano Director Municipal, em qualquer sítio é possível plantar eucaliptos», afiança.

Trata-se de um “perigo” no entender de João Ribeiro, uma vez que os povoamentos de eucalipto estão a crescer exponencialmente e a «entrar em floresta onde tradicionalmente havia pinheiro, carvalho ou

Associação vai doar, em colaboração com várias empresas, espécies para garantir repovoamento eficaz

castanheiro», espécies com um crescimento significativamente mais lento. Com efeito, explica, enquanto o eucalipto “dá corte” ao fim de 10 anos, o pinheiro bravo demora 40 anos, o sobreiro ou o castanheiro 35 e a cerejeira “obriga” a uma espera de cerca de 60 anos.

João Ribeiro entende a perspectiva do rendimento a curto prazo, mas aponta os efeitos colaterais da cultura do eucalipto, a começar pela gestão da floresta. «Os proprietários só regressam à floresta passados 10 anos», para o abate e, em segundo lugar, «vamos aumen-

tar a área de plantação em monocultura», o que representa problemas ao nível do empobrecimento dos solos e dos níveis da água, mas também constitui um perigo acrescido relativamente à propagação de incêndios.

O director da FLOPEN assume que está, de alguma forma, a «remar contra a maré», facto que levou à criação de uma mensagem direccionada para os filhos ou netos, ou seja, «para as gerações vindouras», procurando «alertar consciências relativamente ao futuro que queremos para a nossa floresta».

A campanha conta com a colaboração das empresas MadeiPenela, Viveiros da Quinta do Prazo e PenelaDigital e passa por doar um conjunto de espécies, folhosas e resinosas, alternativas ao eucalipto, nomeadamente carvalho, sobreiro, cerejeira brava, castanheiro, freixo, faia, cedro, nogueira ou pinheiro. Os interessados, associados da FLOPEN, devem inscrever-se até ao final do ano, indicando a zona a arborizar, de forma a permitir aos técnicos definir a espécie mais aconselhável, bem como o número a plantar. Cem é o limite máximo de plantas a doar por associado. ◀